

ENTRE A LITERATURA E A ARTE: O MITO DA FUNDAÇÃO DE ROMA NO OLHAR DE VIRGÍLIO E BERNINI.

Entre la literatura y el arte: el mito de la fundación de Roma, en la mirada de Virgílio y Bernini.

Nilcilea da Silva Rosário

Mestranda em Literatura brasileira e teorias das literaturas

Universidade Federal Fluminense_ UFF

Resumo

A Eneida é um poema épico escrito por Virgílio no século I a.C., que relata em tempo mítico, a saga do piedoso Enéias, herói troiano que escapara da guerra de Tróia: carregando nas costas o seu velho pai com os penates, e seu filho, pela mão, com a missão traçada pelo destino de fundar uma nova Tróia, que simbolizaria futuramente a gloriosa Roma. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise comparativa entre as narrativas proféticas sobre o mito de fundação de Roma descritas no poema com a escultura de Bernini, Enéias, Anquises e Ascânio, entrelaçando os fatos históricos na época do Imperador Augusto.

Palavras-chave: Eneida, Literatura latina, arte barroca.

Resumen

La Eneida es un poema épico escrito por Virgilio en el primer siglo a.C., que presenta informes en tiempo mítico, la saga de Enéia piadoso, héroe troyano que escapó de la guerra de Troya; llevando a su espalda, su padre de edad con Penates en la mano y su hijo, con la misión trazada por el destino a fundar una Troya nueva, que simboliza el glorioso futuro de Roma. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es realizar un análisis comparativo entre las descripciones proféticas sobre el mito de la fundación de Roma se describe en el poema con una escultura de Bernini, Eneas, Anquises y Ascanio, entrelazar los hechos históricos en la época del emperador Augusto.

Palabras clave: Eneida, la Literatura latina, el arte barroco.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre as narrativas proféticas sobre o mito de fundação de Roma descritas no poema épico de Virgílio com a escultura (1616), de Giovanni Lorenzo Bernini.

Exposta na Galleria Borghese, em Roma, que destaca o piedoso Enéias, Anquises e Ascânio, fugindo de Tróia, entrelaçando os fatos históricos na época do Imperador Augusto.

Para isso, seguirei o seguinte esquema: primeiro, contextualizar época de elaboração da obra, já que este fator influência no segundo ponto a ser tratado neste trabalho, que é a análise da composição textual do poema com a escultura de Bernini.

A ORIGEM DA *ENEIDA* E UM PERFIL DE HERÓI ÉPICO



Roma, Museo di Villa Giulia. Estatueta de terracotta, encontrada e Roma, Museo di Villa Giulia.

Para falarmos dessa construção do perfil do herói troiano, cantado na *Eneida* e esculpido por Bernini, que consiste na composição arquetípica do esplendor patriótico do povo romano, faz-se necessário expor algumas informações sobre o escultor em relação à construção de sua obra.

Neste sentido, Gian Lorenzo Bernini nasceu em Nápoles no ano de 1598, foi um magnífico artista barroco, que exerceu o seu ofício principalmente em Roma. Esculpindo várias obras de artes, mas também se destacou como arquiteto, pintor, desenhista, cenógrafo e pirotécnia.

Tendo acompanhado os passos do pai, Pedro Bernini, logo se destacou em sua habilidade artística, que despertou interesse no pintor Annibale Carracci e do Papa Paulo V, passando a trabalhar como artista independente, com as esculturas helenistas e romanas, as quais, ele teve oportunidade de estudar detalhadamente.

Com a ajuda do patrocínio do Cardeal Scipione Borghese, sobrinho do Papa Paulo V, passou a ser destacar como escultor, ao decorar os jardins do cardeal.

Em 1616, ornamentou a vila do cardeal com o grupo escultural: Enéias, Anquises e Ascânio, em que destaca as três idades do homem, baseado no afresco de Rafael, *O incêndio no Borgo*, que fazia alusão ao tema clássico da fuga de Enéias de Tróia, cantando por Virgílio.

Segundo Pierre Grimal, em **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma** (São Paulo: 1992, p.184), desde jovem, Virgílio já tinha a intenção de compor uma epopéia, pode situar-se essa tentativa de escrevê-la por volta de 41 a.C, cujo tema, a princípio citado em *Vida de Virgílio*, fazia referência “‘*Aos feitos romanos*’, *Res romanas*”, nesse tempo, de acordo com Sêrvio, o poeta Virgílio já pensava na lenda de Enéias e nas histórias dos reis de Alba, embora alguns críticos não concordem com essa tese. Além dessa, Sêrvio aponta para outra questão a da guerra civil, sendo esta mais provável, pois Virgílio poderia sentir-se estimulado a cantar, em versos épicos, os feitos de César, mas que naquele momento Polião desaconselhava-o, pois incentivava escrever poesia bucólica.

Mesmo assim, permanecia no interior do poeta o desejo latente de produzir um poema épico, conforme se nota no prólogo do Livro III das *Geórgicas*, em que o poeta promete simbolicamente em erigir um templo em sua honra¹.

Desse modo, o poeta teve que esperar o apogeu da literatura romana, que se dá no Século de Augusto; para fazer renascer uma epopéia latina de caráter místico e religioso, uma vez que a epopéia em Roma não se impõe desde o início, a maneira dos poemas Homéricos, como um gênero maior por excelência; nem ocupará sozinha a cena literária e nem se apresentará como livro fundamental que seria pouco a pouco a base para o surgimento de outros gêneros, como ocorreu na Grécia com as obras: *Ilíada* e *Odisséia*. Mas

¹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*. V.II. 2ª.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

pelo contrário, o seu nascimento será bastante modesto, já que surge ao mesmo tempo, em que nascem os outros gêneros menos nobres, tal como a comédia e a tragédia, citadas por MARTIN, R e GAILLARD, J. (1981, p. 29).

Sendo assim, é relevante ressaltar que Públio Virgílio Marão, quando compôs a *Eneida*, Roma já se encontrava num período de paz, estando consolidado o seu Império, após um longo tempo de guerra civil, que deságua na vitória de Otávio sobre Antônio, em Ácio, o que faz dele senhor do Mundo romano; sendo-lhe conferido o título de Augusto. Neste momento de euforia, Otávio torna-se “*princeps*”, instalando um novo regime de governo, o Principado, e com ele a poesia florescia em relação à retórica que vivia seus tempos de decadência.

Assim, nos primórdios do período de Augusto, Roma vivia o momento áureo de sua reprodução literária, formando um imenso conjunto de obras de artes e pensamentos que assinalam e resplandecem esse período crítico e decisivo da história do Ocidente. Virgílio pôs o seu talento ao serviço dos projetos de Augusto, abriu um novo caminho para sua composição poética e produziu, nesse momento, uma das grandes obras-primas, a *Eneida*.

A obra é uma das mais significativas da literatura romana composta por cerca de doze cantos, com 9895 versos. O poema é estruturado em versos hexâmetro dactílico que narra em tom elevado e sublime, as sagas do herói troiano, Enéias, desde a destruição de Tróia até a chegada ao Lácio e a fundação de uma nova Pátria em terras da Itália.

Assim, Virgílio inicia o seu poema épico, após ter terminado as *Geórgicas*:

Eu canto os combates e o herói que, primeiro, ugando do destino veio das plagas de Tróia para a Itália e para as praias de Lavínio. Longo tempo foi juguete, sobre o mar, do poder dos deuses superiores, por causa da ira da cruel Juno; durante muito tempo, também, sofreu os males da guerra, antes de fundar uma cidade e de transportar seus deuses para o Lácio: daí surgiu a raça latina e os pais albanos e as muralhas da soberba Roma. (ENEIDA. L. I, 1996, p.11)

Neste trecho do Livro I, nota-se que a *Eneida* desde o começo é uma epopéia que celebra os feitos do herói troiano, fundador da nação romana, que através dele, Virgílio glorifica o novo Senhor de Roma, Otávio Augusto, além prefigurar os valores inerente a este povo. Segundo Maria Helena de Rocha Pereira (1990, p. 321 e 360), os ideais morais e político dos romanos estavam alicerçados na *fides* e na *pietas*, além destes, no escudo de Augusto encontrado em Arles havia *virtus*, *iustitia*, *clementia*. Características estas, encontradas três em um único personagem da *Eneida*, Enéias.

De acordo com Virgílio, Enéias distinguia-se dos demais troianos, porque possuía uma virtude sublimemente romana: a *pietas*, cujo significado “define-se habitualmente como um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes) e a *fides* que é um juramento que compromete [os conceitos morais e políticos] na observância de um pacto bem firme.”²

Unidos sobre a proteção do *patria potestas* num mesmo sentimento religioso, ligando entre si, todos os membros da comunidade familiar, projetada pelo culto dos antepassados romanos, que faziam sentir protegidos pelos deuses Manes, Lares e Penates, e a esposa por Juno.

Desse modo, os Penates possuíam um papel fundamental na vida do povo romano, pois eram considerados depositários e símbolo da “raça troiana”, porque representavam à pátria.

Como se observa no Livro II da *Eneida*, na cena em que Tróia esta sendo incendiada, Heitor aparece em sonho a Enéias, e o aconselha a fugir com os objetos sagrados e com os Penates, profetizando a sua missão, ou melhor, o seu destino (*fatum*) de fundar uma nova Tróia. Logo após, Vênus se dirige a Enéias e o faz lembrar da família, conduzindo-o até a casa de seu pai, e ali, o *pious* Enéias assume a sua fátua: proteger a sua parentela e submeter à vontade dos deuses, levando no ombro seu velho pai Anquises, ao seu lado acompanhando seus passos o pequeno filho, Iulo, segurando sua mão direita.

Adiante, pois! Vamos, caro pai, sobe para as nossas costas: eu te levarei nas minhas espáduas, e esse fardo não será pesado. Ocorra o que ocorrer, haverá para nós um só e comum perigo, um só salvação: que o pequeno Iulo me acompanhe e que minha esposa siga meus passos, de longe (...). Tu, meu pai, toma na mão esses objetos sagrados e os Penates da pátria; eu, saio de uma tão grande guerra e de uma carnificina tão recente, cometeria impiedade em os tocando; até o momento em que, numa água viva, tiver lavado minhas mãos... Dito isto, estendo minhas espáduas e sobre meu pescoço curvado a pele de um fulvo leão, e me curvo sob o meu fardo: o pequeno Iulo agarrou-se à minha mão direita, e segue seu pai com passos desiguais; atrás caminha minha esposa.

É interessante ressaltar que, a destra simboliza a autoridade e simultaneamente indica aquele que tem responsabilidade de preservar e restaurar os valores dos antepassados.

Dessa forma, a cena descreve o valor que o povo romano confere ao *pietas*, ao se apropriar da lenda de Enéias, herói virgiliano totalmente voltado

²Idem. p. 324 e 328.

para sua missão, cuja devoção filial em salvar o pai, tem sido representação de muitos artistas; e tão bem retratada por Bernini, escultor barroco que esculpiu a escultura de Enéias, Anquises e Ascânio, fugindo de Tróia em chama, tendo seu pai em seus ombros, levando consigo os penates, e seu filho transportando o fogo sagrado, agregando no episódio: o respeito à família, o Estado Romano e os deuses, na tripé conjectura que compõe a sociedade romana.



Aeneas, Anchises, and Ascanius. 1618-19, Marble, Altura 220 cm. Galleria Borghese, Rome.

Pois, durante a cena que os troianos estiveram em Creta, e os Penates apareceu em sonhos a Enéias, para lhe anunciar que o verdadeiro lugar onde os *Destinos* apontavam para que ele fundasse a nova Tróia se encontra mais a distante, a oeste, na região da Hespéria. A terra, “antigas, de armas poderosas e solo fecundo”, a pátria de origem dos Penates, além disso, a viagem na embarcação de Enéias era o retorno a cidade natal.

Assim, a escultura permanece bastante próxima ao relato de Virgílio; Bernini soube extraordinariamente expressar na fisionomia tanto de Enéias quanto de Anquises e Ascânio, a forma em que destaca o movimento, a expressão do rosto e a tensão muscular.

Além do compromisso de proteger sua família, carregando o seu pai no ombro e o dever de fundar uma nova Tróia. Enéias não apresenta em sua fisionomia desespero, ou cansaço, mesmo com os olhos voltados para baixo a expressão facial é delicada, nariz afilado, totalmente sereno.

Bernini ao esculpir esse conjunto escultural em um só bloco mostrou toda sua habilidade, talhando com perfeita simetria a expressividade corporal Anquises segurando os Penates, em forma tridimensional; as rugas na testa e as veias como se estivesse pulsando, expressando, assim, simultaneamente estado de preocupação.

O corpo do guerreiro Enéias se mostra bem delineado, os músculos, a curvatura do joelho como se estivesse andando, revelando uma figura humana de músculos levemente torneados e de proporções perfeitas. As três figuras, Enéias, Anquises e Ascânio, estão desnudas, as duas primeiras estão cobertas somente com um tecido pregueado de ponta pendente, mas entrelaçando-os, lembrando a escultura de Miguel Ângelo, *O Cristo desnudo de Santa Maria Sopra Minerva*. Os cabelos e até a barba são esculpidos perfeitamente com as madeixas encaracoladas.

Ascânio encontra-se atrás de Enéias, mas, ao contrário do que está descrito na Eneida, por Virgílio, ele é esculpido ao lado esquerdo, ao invés do direito, segurando o fogo sagrado. Neste ponto, Bernini teve todo cuidado de talhar as chamas como se estivessem acessas.

Os traços do corpo de Ascânio se contorcem, demonstrando movimento, predominando na escultura o relevo das curvas.



Enéas, Anquise e Ascânio- Gian Lorenzo Bernini (1618-19). Marble, height: 220 cm, Galleria Borghese, Roma, Itália.

Como se vê, na escultura retratada a responsabilidade que o *pietas* tinha de estabelecer o vínculo afetivo de fidelidade e respeito entre os membros da família e a divindade, estendendo essas relações com o Estado.

A lealdade entre os laços de parentesco em política, conforme Maria Helena da Rocha Pereira ao comentar Ronald Syme (1990, p. 330), era para os romanos, “uma obrigação suprema que por vezes impunha vinganças inexpríveis,” a fim de cumprir a justiça. Como ocorreu com o Imperador Augusto que mostrou a sua *pietas* perseguindo os assassínios de César e o desleal Antônio. Tal como o *pius* Enéias no Livro XII apresentou sua *peitas* e a *fides* ao jovem Palante, matando Turno por dê-lo assassinado, mesmo após este ter duplicado por sua vida.

Enquanto ele [Turno] hesitava, Enéias arremete a sua lança, tendo bem medido com os olhos o alcance, de longe, com toda a força (...). A lança voa, à maneira de um sombrio turbilhão, levando com ela a cruel morte; abre os bordos da couraça e os sinuosos discos dos sete couros superpostos do escudo; penetra, assombrado, pela coxa; o grande Turno, ferido cai por terra dobrando o joelho (...). Venceste e os ausônios viram-me, vencidos, estender para ti as mãos suplicantes. Lavínia é tua esposa; não leves mais longe teu ódio. O impetuoso Enéias deteve-se, imóvel sob suas armas, volvendo os olhos, e reteve sua destra; já hesitava mais e mais e as palavras de Turno começavam a dobrá-lo, quando no alto do ombro de Turno apareceu o boldrié funesto e brilhou o cinturão com as bulas bem conhecidas do jovem Palante, que Turno prostrara com golpe mortal e cujas insígnias ele trazia nos ombros.

Neste contexto religioso e político, Enéias cumpre seu *fatum*, como um verdadeiro *pietas* romano, pois mesmo apaixonado por Dido, ele a deixa em obediência aos deuses, a fim de cumprir o seu *fatum*, expresso na ordem de Júpiter. Ademais, ao chegar a Lácio, ele faz aliança com Latino, combate Turno e seus aliados, casa com Lavínia, perpetuando a *gens* divina, uma vez que ele descende de origem dos deuses. Transmitindo de geração em geração, “o sangue” da *gens*, que deve garantir a perpetuação da cidade, através das “núpcias justas³” com Lavínia.

Efetivamente, Virgílio usa a lenda de Enéias que circulava desde o século VI a. C., ou pelo menos ao início do século V, no solo Itálico, bem perto de Roma, nas cidades etruscas. Com a intenção atribuir a Otávio Augusto a descendência divina de Iulo ou da *gens* Iulas, que descendiam do próprio Enéias, que era retratado como herói, ou em sentido próprio da *Eneida*, um semideus, pois sua mãe não era outra coisa, a não ser a deusa Vênus.

Desse modo, percebe-se que Virgílio ao construir a Eneida teve atenção de escrever uma epopéia da atualidade consagrando os grandes feitos de Enéias, ao *Princeps* daquele tempo, Otávio Augusto.

CONCLUSÃO

Portanto, através desta análise comparativa percebe a importância da construção do mito de Enéias para Formação do povo romano, e, como ela foi

³ O matrimônio em si implicava troca de consentimentos, simbolizado pela união das mãos direitas, em que cada um dos esposos tomava a mão do outro e concluía assim um pacto no qual comprometia a vida. Sendo um pacto que possuía valor legal, pois era um contrato verbal de caráter religioso. GRIMAL, Pierre. P.226, 1992.

retratada por Bernini na sua escultura: Enéias, Anquises e Ascânio, apresentando de forma harmoniosa as características, que denominavam arquétipo do povo romano, descendente da Grã Realeza Imperial, Otávio Augusto.

Referências bibliográficas

- AVERY, Charles. *Bernini: genius of the Baroque*. Boston: Bulfinch, 1997.
- DELLA PERGOLA, Paola (ed.). *Bernini*. Roma: Edizione del Drago, c. 1963.
- GUIMAL, Pierre. *Virgílio ou segundo nascimento de Roma*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MARDER, Tod A. *Bernini and the art of architecture*. Nova Iorque: Abbeville Press, 1998.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires á Rome*. Tome I. Paris: Scodel, 1981.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. V. II. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Tassilo Orpheu Spalcing. São Paulo: Editora Cutrix, 1996.

Site pesquisado:

<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bernini/gianlore/sculptur/1610/index.html> => Acessado dia 26 / 11 / 2008